

Director e lógica de mercado no ensino

O denominado Director para as Escolas parece ser o corolário de uma visão gerencialista do ensino que naturalmente se repercutirá negativamente na democraticidade do funcionamento da Escola Pública.

O servilismo inerente ao modelo de gestores empresariais vai impor-se numa lógica de autoritarismo e unilateralidade decisória. A política de objectivos aplicada ao ensino transformará este numa mera monitorização e medição de saberes, ignorando, ou na melhor das hipóteses, minimizando, as sensibilidades específicas dos jovens em crescimento e constituindo como prioridade números e intervalos meramente aritméticos, definidos superiormente.

Sob a capa de uma suposta excelência que ninguém consegue esclarecer em que consiste, os professores perderão a sua ínfima margem de manobra em contexto de sala de aula e tornam-se executores de políticas educativas cuja filosofia assenta em aferição de conhecimentos sazonais, eliminando os alunos que não se enquadrem nos modelos definidos pelos teóricos do neoliberalismo, catapultando-os para ditos cursos profissionalizantes que a grande maioria dos jovens não quer mas aceitam pressionados por um sistema que os chantageia.

Dependendo do meio socio-económico em que está inserida, a Escola Pública torna-se numa alternativa possível às ditas boas Escolas Privadas, meras transmissoras e medidoras de conhecimentos, ou então num aboletamento de futuros delinquentes ou marginais, aos quais o Estado oferece a falsa alternativa de um curso profissional.

O Director ditará as regras e definirá os processos enquanto os professores recusam perder a sua identidade pessoal e profissional (e passam ao quadro de mobilidade) ou obedecem garantindo emprego e futura carreira. Quantos aos alunos, os percursos escolares estão definidos previamente e dependem sobretudo do meio social e económico donde provêm. É a lógica mercantil aplicada à educação e ao ser humano em crescimento. É a lógica capitalista.